Reverie e arte

Pontes criativas para o inconsciente não simbolizado

Milton Jeronimides,[1] São Paulo

Resumo: Neste texto, o autor explora a interseção entre arte e psicanálise, focalizando como a expressão artística – por meio da imagem, da pintura e da reverie – funciona como um meio de comunicar emoções e experiências complexas e não verbais, difíceis de serem articuladas. Faz referência a Wilfred Bion e Thomas Ogden, que discutiram conceitos como sistema protomental, estados mentais primitivos e invariantes, relacionados ao inconsciente e à forma como a mente processa o trauma, a emoção e experiências emocionais não simbolizadas.
Palavras-chave: reverie, arte, inconsciente não simbolizado, comunicação emocional, psicanálise

Introdução

Neste artigo, investigo o papel da reverie como modalidade de comunicação não verbal na clínica psicanalítica contemporânea, particularmente no trabalho com experiências emocionais não simbolizadas, fundamentando-me no referencial de Wilfred Bion (1961/2001), para examinar os estados mentais primitivos e a função de continência como condições para a transformação de elementos não pensáveis em experiências psíquicas suscetíveis de elaboração. Thomas Ogden (1994/2019) enfatiza a dimensão intersubjetiva da reverie e sua inscrição na matriz transferencial-contratransferencial. Com base nesse enquadre teórico, proponho compreender a comunicação analítica para além da via verbal, envolvendo imagens, sensações e estados emocionais compartilhados

1 Membro filiado ao Instituto "Durval Marcondes" da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Artista plástico e engenheiro, mestre e doutorando em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

no setting. Por fim, o artigo sustenta que, diante dos limites da simbolização, a ampliação do vértice clínico em direção a formas não verbais de comunicação constitui elemento central no manejo de configurações psíquicas marcadas pelo irrepresentável.

Músicas, poemas e pinturas nos convidam ao sonho acordado, um estado em que a realidade é explorada de maneira enigmática e deslocada. O surrealismo de René Magritte pode ser visto na tela *Os amantes,*[2] e parece refletir uma experiência de sonhar desperto, isso ressoa com o trabalho psicanalítico à medida que o analista, ao sustentar sua reverie, deixa-se atravessar por imagens, sensações e intuições que emergem na borda entre o consciente e o inconsciente, abrindo possibilidades de simbolização para aquilo que ainda não encontrou sua forma psíquica.

Bion (1976/1994), por sua vez, assinala que os artistas dispõem de recursos estéticos que lhes conferem uma vantagem particular na tarefa de dar forma à experiência emocional quando esta se apresenta em níveis ainda não pensáveis.

Como escutar e transformar experiências emocionais que não se apresentam sob a forma de palavras, narrativas ou pensamentos organizados? Em muitos pacientes, especialmente aqueles marcados por estados primitivos ou por traumas precoces, o que se comunica não é um conteúdo verbalizável, mas estados sensoriais, imagens fragmentadas ou atmosferas emocionais que desafiam os modos tradicionais de interpretação. É nesse ponto que a arte, o sonho acordado e a experiência estética deixam de ser apenas metáforas e passam a operar como modelos de apreensão clínica, uma vez que permitem pensar formas de contato com o inconsciente que ultrapassam a linguagem linear. Para compreender como essas experiências se articulam na situação analítica, torna-se necessário retomar alguns conceitos fundamentais da teoria psicanalítica.

Noções centrais elaboradas por diferentes autores são muito importantes antes de avançar na discussão sobre a função da arte na

2 Pintura a óleo sobre tela do pintor surrealista francês René Magritte, 1928 (Museu de Arte Moderna, MoMA, Nova York, EUA).

situação analítica como: *sistema protomental* (Bion, 1961/2001), *consciência moral primitiva* (Bion, 1961/2001) e *invariantes* nos processos de transformação psíquica.

Sistema protomental

O conceito de *sistema protomental* (Bion, 1961/2001) pode ser compreendido, do ponto de vista clínico, como um nível de funcionamento psíquico no qual as experiências emocionais ainda não se encontram diferenciadas do corpo nem organizadas simbolicamente. Na prática analítica, esse nível se manifesta por meio de estados em que o paciente não consegue representar ou nomear o que sente, expressando suas vivências sobretudo através de sensações corporais difusas, atuações ou comunicações evacuativas dirigidas ao analista.

> O *sistema protomental* pode ser visualizado como um estado no qual os aspectos físicos e psíquicos ainda não estão diferenciados. Trata-se de uma matriz da qual emergem fenômenos que, a princípio, parecem ser sentimentos discretos, apenas vagamente associados entre si, quando observados sob a ótica da investigação psicológica. É dessa matriz que fluem as emoções próprias do *suposto básico*, reforçando, permeando e, em certas ocasiões, dominando a vida mental do grupo. Dado que se trata de um nível em que o físico e o mental não estão separados, faz sentido que o sofrimento originado nesse sistema possa se manifestar tanto sob formas físicas quanto psicológicas. (Bion, 1961/2001, p. 102, grifo do autor)

Angústias intensas não se organizam como pensamentos, mas podem surgir como manifestações somáticas e estados de desorganização. No campo transferencial, aparecem como pressões emocionais brutas. A contratransferência surge, então, como um instrumento central para a apreensão clínica. Às vezes, o analista experimenta sensações de desconforto, confusão ou ameaça antes que haja simbolização.

O *sistema protomental* se apresenta como uma realidade clínica acessível quando o analista reconhece formas iniciais de comunicação.

Pela reverie no campo intersubjetivo, essas experiências podem ser transformadas em elementos passíveis de simbolização. Esse processo permite a passagem da descarga ou somatização para o pensamento e a elaboração. Nos estados psíquicos arcaicos, o sofrimento não se organiza simbolicamente, exigindo manejos clínicos específicos. Assim, uma escuta polifônica (Figueiredo, 2024)[3] se faz necessária para ir além da interpretação verbal, acolher o indizível e favorecer a transformação de elementos beta em elementos alfa (Bion, 1962/2023).

Consciência moral primitiva

A noção de consciência moral primitiva torna-se particularmente relevante por designar um estado psíquico inicial, anterior à constituição do sujeito como "eu" e à organização simbólica da experiência (Bion, 1961/2001). Nesse nível, sensações físicas e intensidades emocionais são vividas de maneira bruta e indiferenciada, sem a mediação do pensamento e, consequentemente, sem a organização proporcionada pela linguagem. Trata-se de uma forma arcaica, inata e não simbolizada de moralidade, que não se constitui a partir da experiência, mas emerge de um núcleo psíquico extremamente precoce, ligado a registros somáticos primordiais e a protoexperiências ainda não transformadas em pensamento. Manifesta-se frequentemente como um sentimento de culpa fundamental associado a um terror sem nome, situando-se em uma camada profunda da mente, anterior à simbolização, na qual o sujeito é afetado por estados corporais e emocionais brutos que não podem ser pensados.

Diferentemente de uma moralidade que orienta e aprende com a experiência, essa instância opera de modo absoluto, proibitivo e cruel, limitando-se a interditar a vida psíquica. Sua ação incide sobre prazer, criatividade e crescimento mental, que passam a ser vividos como ameaçadores, podendo gerar autodepreciação intensa, bloqueios emocionais e até tendências autodestrutivas. No plano metapsicológico, referências ao tálamo, córtex e subtálamo permitem pensar diferentes níveis de

3 Comunicação verbal.

funcionamento: o tálamo como registro sensorial bruto, o córtex como lugar da simbolização e o subtálamo como expressão de um terror corporal não representado. Essa distinção evidencia por que tais estados resistem à elaboração clínica, já que pertencem a uma dimensão somática e pré-pensável da mente, cuja transformação depende mais de continência do que de interpretação (Bion, 1965/2018c).

Bion aponta que, nesse estágio, corpo e mente ainda não se distinguem claramente, não havendo uma fronteira definida entre o self e o ambiente. Predominam vivências sensoriais globais, como medo difuso, angústia sem objeto, prazer ou desconforto, que constituem o pano de fundo a partir do qual pode emergir a capacidade de pensar, simbolizar e nomear a experiência emocional (1961/2001). A compreensão desses estados primitivos da mente e dos mecanismos de defesa a eles associados torna-se fundamental para o tratamento de analisandos cujas experiências emocionais não foram mentalizadas ou simbolizadas, uma vez que, nessas configurações, os métodos interpretativos tradicionais tendem a se mostrar insuficientes.

Em *Aprendendo com a experiência* (1962/2023) e *Domesticando pensamentos selvagens* (1997/2015), Bion refere-se a uma mente primordial, a estados inacessíveis e a uma vida mental ainda não mapeada, ao mesmo tempo em que propõe uma ampliação da noção de inconsciente. Os chamados estados mentais primitivos dizem respeito a formas de funcionamento psíquico em que predominam elementos não transformados, não submetidos à função alfa, caracterizando experiências que não foram mentalizadas e tendem a ser evacuadas por meio de descargas ou identificações projetivas (Bion, 1962/2023). Nesses estados, observa-se um nível de não integração marcado por intensidades sensoriais e emocionais que não alcançam estatuto simbólico.

Bion amplia seu modelo de mente ao passar de uma concepção binária entre pensamento e "não-pensamento" para uma formulação multidimensional, na qual propõe uma polaridade entre o sistema consciente/inconsciente e um estado de mente inacessível. Essa formulação decorre do descompasso entre o desenvolvimento somático e o psíquico, já que experiências muito precoces, possivelmente pré-natais,

não podem ser transformadas em pensamento e são evacuadas por mecanismos primitivos, como a identificação projetiva. Esses registros constituem uma área psíquica não simbolizável, porém ativa, separada pela cesura do nascimento, podendo emergir como pensamentos sem pensador. A mente passa, assim, a ser concebida como composta por um sistema finito e simbolizável e um domínio inacessível, cuja relação, marcada pela cesura, torna-se central para a compreensão do funcionamento psíquico.

Thomas Ogden (1994/2019; 2005/2010), por sua vez, introduz uma inflexão em relação a Bion ao enfatizar que tais estados não devem ser compreendidos apenas como experiências internas do paciente, mas como fenômenos que se constituem no campo intersubjetivo. Nesse campo, analista e analisando participam conjuntamente da experiência emocional ainda não pensada, que passa a ser concebida como produto da relação analítica. Para o autor, esses estados podem ser vividos como formas de "experiência não sonhada", que emergem na matriz transferencial/contratransferencial e exigem do analista um trabalho de reverie para que possam adquirir figurabilidade e sentido.

Avner Bergstein[4] (2019) é um autor que se dedica a expandir os conceitos desenvolvidos por Bion no que se refere aos estados primitivos da mente. Ele propõe que os estados mentais primitivos podem ser compreendidos como configurações marcadas por não integração e difusão sensorial e psíquica, nas quais predominam formas de proteção defensiva mais arcaicas do que as descritas nas posições esquizoparanoide e depressiva. Tais defesas não se encontram ainda organizadas sob a lógica de repressão, cisão ou identificação projetiva em seu funcionamento mais estruturado, operando antes em níveis mais rudimentares, frequentemente próximas da experiência sensorial e corporal.

Ainda no campo das contribuições contemporâneas que dialogam com a obra de Bion, destaca-se o trabalho de Judy K. Eekhoff[5]

4 Psicanalista didata e supervisor, membro do corpo docente da Sociedade Psicanalítica de Israel.

5 Judy K. Eekhoff é uma psicanalista contemporânea cujos trabalhos se concentram na ampliação do pensamento de Wilfred Bion acerca dos estados mentais primitivos.

(2022), que tem se dedicado a aprofundar a compreensão clínica dos estados mentais primitivos, especialmente em pacientes marcados por experiências traumáticas precoces. Em suas obras *Bion and primitive mental states* (2022) e *Trauma and primitive mental states* (2023), destaca-se a investigação do impacto dos traumas precoces na constituição da capacidade de simbolização, bem como a descrição de formas de defesa que operam em níveis anteriores à representação, frequentemente organizadas no registro sensorial e não mentalizado. Sua proposta busca expandir a leitura bioniana ao enfatizar como o trauma incide sobre a capacidade de simbolização e sobre as formas de defesa mobilizadas nos níveis mais arcaicos do funcionamento psíquico.

Nesse contexto, Eekhoff afirma que "a dissociação na posição depressiva utiliza a repressão, enquanto na posição esquizoparanoide recorre à cisão e à projeção. No estado mental primitivo, a dissociação ocorre por meio dos sentidos" (2022, pp. 8-9, tradução livre). Tal formulação introduz uma importante distinção ao situar, nos estados mais primitivos, um tipo de defesa que não se organiza nem pela via representacional nem pela fantasia, mas por meio de experiências sensoriais diretas.

Do ponto de vista clínico, isso implica reconhecer que, nesses níveis de funcionamento, o pensamento permanece restrito a processos concretos e operacionais, com ausência de organização temporal e espacial. Trata-se de um modo de funcionamento no qual os aspectos físicos e psíquicos ainda não se encontram diferenciados, predominam formas de experiências essencialmente somáticas, particularmente ligadas às fases iniciais do desenvolvimento. Nesse sentido, as defesas mobilizadas podem ser compreendidas como defesas autistoides ou esquizoides, uma vez que operam por isolamento sensorial, encapsulamento ou retirada do contato com a realidade psíquica compartilhada.

Os estados mentais primitivos se tornam especialmente evidentes na clínica com pacientes que sofreram traumas precoces. Nesses casos, observa-se a presença de experiências que não foram mentalizadas nem inscritas simbolicamente, que se manifestam por meio de sensações, atos ou estados afetivos difusos. Em articulação com Freud (1920/2010), quando o trauma, entendido como uma falha na proteção do aparelho

psíquico diante de um excesso de excitação, pode levar a uma vivência de sobrecarga que ultrapassa a capacidade de elaboração.

Quando essa falha acontece, instala-se um estado em que a experiência permanece presente, mas não pode ser pensada nem recordada. Trata-se de conteúdos que não foram simbolizados nem integrados à história do sujeito, permanecendo fora da inscrição temporal e enraizados no corpo (Eekhoff, 2022). Nessa perspectiva, tais estados podem ser compreendidos como pensamentos não pensados, isto é, experiências psíquicas que, embora vividas, não puderam ser transformadas em pensamento.

Pensamentos não pensados decorrem principalmente de um aparelho psíquico ainda em formação, portanto, imaturo. Segundo Eekhoff (2022), traumas ocorridos durante a infância são especialmente difíceis de serem abordados na análise, pois acontecem num momento em que os processos mentais defensivos ainda estão em desenvolvimento. A autora afirma:

> Traumas que ocorrem nos primeiros anos de vida são extremamente difíceis de abordar em análise (por meio da interpretação verbal). A dificuldade surge porque os processos mentais que defenderiam contra a violência *ainda estão inadequadamente formados na infância*. (Eekhoff, 2022, p. 72, tradução livre, grifo da autora)

Nesse contexto, Eekhoff (2022) associa o estado de mente primitiva, caracterizado pela ausência de mentalização e simbolização à posição autista-contígua, conceito desenvolvido por Thomas Ogden[6] (1994/2019). Para esse autor, o modo autista-contíguo é vivido num mundo em que as sensações dominam a experiência e as emoções são experimentadas de forma concreta e indiferenciada – não existe uma diferenciação entre corpo e mente.

6 O conceito de posição autista-contígua pode ser encontrado na obra de Thomas Ogden, *Subjects of Analysis*. Este conceito está diretamente relacionado à Matriz transferencial-contratransferencial, outro conceito, também definido por Ogden (1994/2019).

Essa prevalência de sensações e emoções concretas aproxima-se do domínio da comunicação não verbal, essencial para o trabalho psicanalítico com pacientes que vivenciam estados emocionais primitivos no setting analítico.

Assim, diante de experiências emocionais primitivas, nas quais predomina a comunicação não verbal e a simbolização ainda é incipiente, torna-se fundamental que o analista sustente uma função de continência emocional. Clinicamente, isso implica a capacidade de receber, tolerar e metabolizar estados brutos comunicados pelo paciente, muitas vezes sob a forma de sensações, afetos difusos ou pressões transferenciais, sem recorrer a interpretações precipitadas ou a tentativas de organização prematura da experiência.

Nessa direção, a concepção de continência em Bion se refere justamente à transformação de elementos não pensáveis em experiências passíveis de elaboração, por meio da função alfa exercida pelo analista (Bion, 1962/2023). O manejo clínico, portanto, não se reduz à interpretação de conteúdos, mas envolve a sustentação de um campo emocional no qual aquilo que inicialmente se apresenta como indizível possa, progressivamente, adquirir forma psíquica.

É nesse ponto que a contribuição de Robert Caper se articula ao modelo bioniano. Em *Bion and thoughts too deep for words: psychoanalysis, suggestion, and the language of the unconscious* (Caper, 2020), o autor investiga a dimensão não verbal da experiência psíquica, destaca o papel da música, do ritmo e da linguagem não semântica como vias privilegiadas de comunicação entre inconscientes. Ao afirmar que a psicanálise se distingue por seu compromisso com a verdade emocional, o autor enfatiza que o trabalho analítico depende da capacidade do analista de se manter em contato com a experiência inconsciente compartilhada, sustentando a tensão emocional implicada nesse encontro. Tal posição reforça a ideia de que a continência não é apenas uma função receptiva, mas um trabalho ativo de transformação, no qual comunicação inconsciente, tolerância à experiência emocional e crescimento psíquico se encontram intrinsecamente articulados.

Caper contribui para a compreensão do pensamento de Bion ao explorar mecanismos distintos de comunicação não verbal. Em seu trabalho, o autor evidencia, em especial, a capacidade da arte musical para expressar e transmitir conteúdos psíquicos por meio de formas não verbais.

> Os aspectos não semânticos da linguagem são o veículo de comunicação entre inconscientes das pessoas. Enquanto comunicamos sobre o mundo físico usando o pensamento simbólico consciente e os aspectos semânticos da linguagem, a comunicação entre os mundos internos inconscientes ocorre no registro da música e da dança. (Caper, 2020, pp. 10-11, tradução livre)

Caper contribui para a compreensão de que a interseção entre arte e psicanálise reside na capacidade da expressão artística de funcionar como ponte entre inconscientes, o que promove uma comunicação rica em significados emocionais e afetivos, muitas vezes inacessíveis pela via verbal tradicional. Tal entendimento reforça a importância de considerar a comunicação não verbal e a arte, em suas múltiplas manifestações, como dimensão fundamental do processo analítico e da experiência emocional com o inconsciente.

Essa capacidade de escuta profunda conecta-se diretamente à dimensão corporal da experiência humana, como evidencia Caper. O autor observa que a resposta espontânea dos bebês à musicalidade, presente na fala, sugere que, desde o nascimento, ritmo e melodia estão intrinsecamente ligados à experiência corporal. O poder da arte, música e dança mobiliza emoções viscerais, movimentos sentidos no corpo e constitui uma dimensão essencial em nossas vidas.

Se, na comunicação consciente, trocamos mensagens discretas e deliberadas, na inconsciente ocorre um escoamento involuntário de uma mente para outra (Caper, 2020). Ao adentrar os estados primitivos da mente do analisando, o analista não se depara com conteúdos reprimidos passíveis de descrição, mas com experiências não mentalizadas, o desconhecido, o incognoscível. Nesses casos, como propõe Bergstein (2019), torna-se necessário que o analista se permita, por meio de um

pensamento imaginativo e onírico, viver a experiência emocional junto ao analisando no setting analítico, promovendo a lenta construção de um espaço representacional.

Ao ampliar essa perspectiva sobre a comunicação não verbal no campo psicanalítico, Ogden (1982/2018) destaca que o analista precisa desenvolver um manejo clínico capaz de transmitir uma compreensão silenciosa daquilo que o paciente inconscientemente solicita ser contido e transformado, para que essa experiência, devidamente metabolizada, possa ser reintegrada ao seu próprio trabalho psíquico de elaboração. O autor aponta que a matriz transferencial/contratransferencial adquire especial relevância, pois é por meio dela que se torna possível identificar o estado psicológico predominante do paciente e sustentar a comunicação emocional em níveis que antecedem a simbolização verbal.

Ogden, no artigo "Uma questão da voz na poesia e na psicanálise" (1998), aprofunda essa perspectiva ao destacar a importância da voz do analisando, seu timbre, ritmo e cadência, na constituição da experiência analítica. A voz, para o autor, opera como via privilegiada para a expressão de pensamentos e sentimentos difíceis de serem comunicados pelo discurso consciente, permitindo ao analista acessar zonas profundas da identidade do paciente.

Invariantes

O conceito de invariantes, proposto por Bion (1965/2018c), refere-se a padrões emocionais e relacionais que se repetem ao longo do processo analítico. Sua apreensão não é apenas racional, mas depende de uma escuta sensível e intuitiva, capaz de captar continuidades no campo emocional mesmo quando o material se apresenta de formas variadas. Assim como na arte, em que diferentes técnicas produzem distintos invariantes, na psicanálise esses elementos funcionam como referências que orientam a compreensão das transformações. Identificar tais constantes é fundamental para o trabalho analítico, pois permite acessar aspectos profundos e estáveis da experiência psíquica, até mesmo aqueles difíceis de representar ou nomear.

Bergstein, ao analisar o conceito de invariantes, questiona: "qual seria a invariância inerente à transformação que pode ajudar a abordar a experiência emocional irrepresentável, inefável e incognoscível?" (2019, p. 5). Para o autor, é essencial não perder de vista os aspectos invariantes do pensamento, pois, como ele destaca, "Bion desenvolve a noção de invariância referindo-se às qualidades verdadeiras que caracterizam a natureza mais íntima de tudo o que é, independente da posição do observador" (Bergstein, 2019, p. xii, prefácio, tradução livre).

Intuição

Na escuta analítica, sobretudo diante de estados mentais primitivos, o analista, ao sustentar uma abertura intuitiva capaz de captar o não dito e as tonalidades afetivas do campo intersubjetivo, evita interpretações precipitadas. Bion (1970/2018a) distingue a realidade sensorial da realidade psíquica, sendo esta última apreendida pela intuição. Nesse contexto, a arte, assim como a reverie, pode se configurar como um modo de escuta, que permite acolher e transformar experiências ainda não simbolizadas. Reverie articulada à função alfa possibilita dar forma psíquica a elementos brutos da experiência, sustentando um campo no qual analista e analisando constroem o sentido.

Reverie e arte imagética se aproximam quando há suspensão da racionalidade imediata, abandono de compreensão, assim como a capacidade de tolerar o não saber e de sustentar estados mentais em que ainda não há distinção clara entre sensação, emoção e pensamento. Nesse processo, a reverie se articula à função alfa e pode permitir a transformação de elementos não simbolizados em formas psíquicas passíveis de figurabilidade.

O papel da intuição para a psicanálise, nas palavras de Bion:

> O médico pode ver, tocar e cheirar. As realizações com as quais um psicanalista lida não podem ser vistas ou tocadas; a ansiedade não tem forma, cor, cheiro ou som. Por conveniência, proponho usar o termo "intuir" como um paralelo no domínio psicanalítico para o uso do médico de "ver", "tocar", "cheirar" e "ouvir". (Bion, 1970/2018a, p. 7, tradução livre)

Ogden (2022) propõe que o *ser* suplanta a *compreensão*: o analista não chega a conhecer, entender ou apreender a realidade do que acontece na sessão, mas a "intui" e torna-se "um" (*at one*) com a experiência. Para Ogden, estar plenamente presente no momento vivido é essencial para captar a profundidade da realidade psíquica em curso, sem a mediação de uma compreensão intelectualizada.

A intuição pode permitir apreender a realidade psíquica de outro modo, corporal e não verbal, mais próximo de uma experiência musical do que de um processo intelectual (Caper, 2020). Nesse campo, a reverie, tal como formulada por Bion (1962/2023), constitui uma função essencial para a transformação de experiências emocionais primitivas em elementos passíveis de pensamento.

Ogden (1994/2019) amplia essa concepção ao deslocar a reverie de uma função predominantemente do analista para um fenômeno do campo intersubjetivo. Para o autor, os estados de reverie emergem da relação analítica como produções compartilhadas, pertencentes ao que denomina de *terceiro analítico*. Assim, a reverie passa a ser compreendida como uma experiência que transita entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, mantendo continuidade com Bion, mas introduzindo uma diferença no conceito de reverie, permitindo uma importante transformação na compreensão da experiência analítica.

A reverie, especialmente a imagética, tornou-se presente e abriu campo em minha clínica para experiências e emoções irrepresentáveis e inomináveis de meus pacientes. Sobretudo na clínica contemporânea em que a interpretação, em muitos casos, fica aquém das necessidades terapêuticas.

O processo analítico pode ser comparado a um percurso na cegueira: não contamos com mapas precisos, mas com instrumentos que orientam o movimento em meio à incerteza. Assim, a análise se constrói com dúvidas, hipóteses provisórias e atenção não apenas ao que é dito, mas também ao que permanece ausente – o silêncio, o não dito e aquilo que resiste à simbolização. Nessa perspectiva, Bion e Ogden ressaltam a importância de uma escuta ampliada, capaz de apreender formas de comunicação que ultrapassam a linguagem verbal. Diante de experiências

psíquicas do irrepresentável, a interpretação de conteúdo se mostra insuficiente: cabe ao analista sustentar a reverie, sonhar pelo paciente aquilo que ele ainda não pode sonhar e tolerar estados de desconhecimento.

Essa disposição para habitar o desconhecido e para sonhar o impensável conecta-se diretamente ao conceito de cesura, definido por Bion como uma ruptura que, paradoxalmente, também carrega uma dimensão de continuidade. Nesse contexto, podemos observar a cesura operando entre alucinação e intuição, como ele afirma na sequência:

> O estado apropriado para intuir realizações psicanalíticas, que sugeri neste artigo, pode ser comparado com os estados que supostamente fornecem condições para alucinações. O indivíduo alucinado está aparentemente tendo experiências sensoriais sem qualquer pano de fundo de realidade sensorial. O psicanalista deve ser capaz de intuir a realidade psíquica que não tem realização sensorial conhecida. (Bion, 1967/2018d, p. 163, tradução livre)

Um fragmento analítico[7]

Apresento o fragmento clínico em que a reverie se revela central para a constituição do campo intersubjetivo e processos de simbolização da experiência emocional. Penso que a escuta psicanalítica não se inaugura apenas por palavras, mas por imagens e estados sensíveis que atravessam o analista antes mesmo de adquirirem forma ou significado.

O fragmento ilustra exatamente esse movimento: inicia-se com uma reverie íntima e reveladora.

Eu costumava assistir à "Ilha da fantasia" na minha juventude. Lá os anseios e desejos se misturavam entre nossos sonhos e alucinações. Era necessário sonhar para compreender o que se passava naquele lugar tão mágico, onde nossas aspirações se realizavam. Talvez, eu precisasse voltar a ser criança para compreender… Em seguida ao meu pensamento, bateu à porta de meu consultório uma linda mulher; portava uma voz infantil que me transmitiu uma serenidade bem agradável, mas, em

7 Informações pessoais, apresentadas neste artigo, foram alteradas para resguardar a confidencialidade e anonimato. As minhas reveries estão apresentadas em itálicos.

algumas sessões online, transpassava os limites para uma encenação lasciva dentro de seu carro à meia-luz.

A relação com o companheiro era constituída de eterna insatisfação, a onipotência dele a deixava em constante falta. Não só suas faltas eram recorrentes, mas também as suas buscas. Em alguns momentos falava sobre *O pequeno príncipe* (Saint-Exupéry, 1943/2018) e da necessidade de relê-lo. Ela não só falava como uma criança, mas vivia em um mundo infantil, impossibilitada de assumir a responsabilidade de uma vida adulta.

Seus desejos pareciam uma loucura, compostos de sonhos não sonhados, momentos não vividos e não lugares da vida dela. Ela era o próprio pensamento alucinante! E eu percebia, a cada instante, minha incapacidade de compreendê-la. Parecia ser necessário enlouquecer para compreender. No relato de seus sonhos incompletos, muitas vezes eu sentia muito sono, além de uma sensação envolvente de impotência. Esses estados, vivenciados em contratransferência, indicavam não apenas a dificuldade de a paciente elaborar suas experiências emocionais, mas também a necessidade de encontrar um espaço de continência no analista.

Em algumas sessões remotas, a paciente surgia com uma bebida alcoólica nas mãos, num gesto impregnado de lamentação pela própria vida. Enquanto discorria, repetindo incessantemente os mesmos episódios, formou-se em minha mente a imagem de uma vitrola antiga, com um disco arranhado, em que a mesma nota musical se repetia sem cessar. Essa imagem fixou-se em meu pensamento, tornando-se um eco da experiência vivida no setting. Perguntei-me, então, por que aquela vida repetitiva me causava tanto incômodo. Naquele momento lembrei-me da expressão: "estou enxugando gelo". Sentia-me, mais uma vez, atravessado por uma sensação de impotência, privado de qualquer linguagem que pudesse alcançar e transformar a experiência no processo psicanalítico.

Levei muito tempo para lhe perguntar se ela buscava o fim daquela fase ou um novo começo em sua vida. E uma pausa inquietante emergiu… Silêncio. Após alguns instantes, como se eu ouvisse um sussurro, pensei: *não pensar é rejeitar a realidade, é o necessitar*

de um pensamento mágico. De onde tinha vindo aquele sussurro? Nós dois continuávamos em silêncio.

A sanidade implica a capacidade de sustentar uma multiplicidade de vértices, ou seja, de perspectivas e probabilidades reais, enquanto a insanidade se caracteriza pelo apego rígido a uma única verdade desejada e absolutizada (Bion, 1970/2018a). No caso da minha analisanda, a dificuldade residia justamente em abandonar seu pensamento mágico, pois ela permanecia presa a uma espera intransitiva: a espera do "não--acontecimento", vivida não como um movimento em direção a algo, mas como um estado permanente, fixo e não transitório.[8]

Em uma de nossas últimas sessões, ela se dirigiu a mim e disse:

A – Vivo numa imensa confusão, o não saber me deixa louca, preciso contar com você, desculpe, para você. Você pode explicar o que está acontecendo?

Ao escutar sua fala, chamou-me a atenção o ato falho, a substituição espontânea de "contar com você" por "contar para você", revelando a ambivalência entre buscar apoio e apenas depositar no outro o peso de sua confusão interna. Permaneci imerso no silêncio, sustentando o espaço para que essa experiência pudesse ressoar entre nós.

A análise clínica deste fragmento revela que a dinâmica transferencial-contratransferencial estava marcada por esquecimentos, tanto por parte da analisanda quanto da minha. Seus lapsos de memória pareciam evocar, em mim, esquecimentos dos fatos ocorridos e narrados durante as sessões. Além disso, a paciente apresentava um comportamento intrusivo, que sugeria a encenação de uma transferência erótica como forma de evitar o enfrentamento do trabalho analítico.

"As alucinações são o oposto do sonhar e do pensar inconsciente em um estado de vigília … é possível alucinar uma vida inteira sem que o menor sinal de elaboração psicológica esteja ocorrendo" (Ogden, 2005/2010, p. 70). Fiquei bastante confuso entre a minha intuição e as alucinações geradas na analisanda e instaladas em mim. Senti que ela esterilizava minha capacidade de pensar, sonhar e elaborar.

8 Conceitos de "espera" – termos usados nas exposições orais, "As esperas em análise", ministradas pelo professor Luís Claudio Figueiredo, no curso de mestrado/doutorado na PUC-SP (2023).

> Pessoas incapazes de sonhar são incapazes de diferenciar entre construções psíquicas inconscientes, por exemplo, os sonhos, e as percepções vígeis. Por conseguinte, impossibilitadas de adormecer e de acordar. (Ogden, 2005/2010, p. 71)

A analisanda não me ouvia, repetia, no seu mundo de alucinações, as narrativas em que precisava acreditar. Vivia nos seus sonhos, enquanto os outros ao seu redor viviam a realidade dos fatos. A realidade a invadia e a atormentava, e sempre foi dolorosa. Portanto, era necessário transformar a realidade em um sonho, num corpo imaginário, numa matéria-prima onírica. Ficava entre o amor e a obsessão de que seus sonhos se tornassem uma realidade. Uma cesura, o amor e a obsessão.

Demorei, mas percebi que uma loucura composta de alucinações se instalara em nós dois. A reverie que emergira no setting analítico, do disco arranhado repetindo a mesma estrofe musical, representava tanto as repetições da fala da analisanda quanto as minhas repetitivas interpretações enraivecidas. Poderia dizer que nossas partes psicóticas predominavam sobre as partes "não-psicóticas", conforme a distinção proposta por Bion em *Second thoughts…* (1967/2018d).

Novamente aquela frase veio a minha mente: *não pensar é rejeitar a realidade, é necessitar de um pensamento mágico*. Eu não sabia se tinha intuído ou alucinado sonoramente a frase. Parecia uma manifestação de um terceiro analítico, conceito desenvolvido por Thomas Ogden:

> O conceito de terceiro analítico designa uma forma intersubjetiva de experiência clínica, resultante da coemergência das subjetividades do analista e do analisando no campo transferencial-contratransferencial. Trata-se de uma criação conjunta que, ao mesmo tempo, constitui e é constituída pela díade analítica. Sem esse campo simbólico compartilhado, não haveria propriamente analista-analisando ou processo analítico (Ogden, 1994/2019, p. 93, tradução livre)

Com o passar do tempo, entendi que minhas interpretações não tinham praticamente nenhum valor para a paciente. Nem sempre é

possível interpretar os conteúdos expressos no setting analítico. Há momentos em que é mister transpassar a racionalidade das interpretações e passear por outros universos de comunicação, entre eles, a tênue linha existente entre intuição e alucinação. Claramente, não se tratava nem de compreender e muito menos de explicar. Despontaram as palavras de um pensador anônimo: *viva e experimente estar com ela*. Não era o terceiro analítico? Ele se manifestava por meio de palavras invisíveis que voavam e ecoavam em minha mente. Era uma intuição ou eu estava alucinando? Fazia diferença?

Desde então, passei a descrever as situações vividas com a paciente, em vez de explicá-las. Progressivamente, compreendi que o processo psicanalítico não deveria restringir-se às interpretações verbais características da clínica clássica, mas incluir também a experiência emocional compartilhada no setting analítico. Assim, tornou-se imprescindível investigar novas modalidades de identificação e manejo, condizentes com as demandas da clínica contemporânea.

Recordei-me, então, de uma epígrafe célebre de Salvador Dalí, vista em uma exposição de arte realizada em São Paulo: "Declaro a independência da imaginação e o direito do homem à sua própria loucura" (Dalí, 2006, p. 477). De modo semelhante, Bion, em *Uma memória do futuro* (1975/2018b), afirma que

> não é surpreendente que psicanalistas sejam, quase como uma função de serem analistas, supostamente qualificados para serem insanos e evocados assim. É parte do preço que eles têm que pagar por serem psicanalistas. (p. 113, tradução livre)

Assim, ressalta a proximidade entre a prática psicanalítica e experiências que desafiam os limites da racionalidade convencional.

Nessa perspectiva, embora a situação analítica se configure como um estado de desconhecimento desde o início, diferente do que ocorre no início de uma pintura, as identificações projetivas já estão presentes no setting analítico, jorrando pensamentos conscientes e inconscientes por meio dos processos de transferência, contratransferência e reverie.

Nesse contexto, destaca-se também o papel fundamental da matriz transferencial-contratransferencial na identificação dos estados psíquicos do analisando, funcionando como orientação essencial para a atitude e o comportamento do analista em relação ao paciente. Reforço que os conceitos desenvolvidos por Ogden (1994/2019) possibilitaram-me constatar a importância da intersubjetividade no processo psicanalítico, isto é, a força da comunicação entre os inconscientes de cada um dos participantes da dupla analítica – estamos sempre nos comunicando, queiramos ou não.

Como articular a função da intuição tanto no processo pictórico quanto na sessão analítica? De que modo os estados emocionais mobilizados durante a pintura encontram ressonância na experiência clínica? Em que medida o impacto inicial da tela em branco pode ser aproximado ao desconhecido do paciente?

Ao iniciar uma pintura, deparo-me com a tela em branco, cuja intensidade pode produzir, por instantes, uma espécie de cegamento. Esse vazio inicial não se configura como ausência, mas como um campo de possibilidades ainda não figuradas e carrega, simultaneamente, potência criativa e tensão emocional. Trata-se de uma experiência sensível na qual o artista é convocado a sustentar o desconhecido até que algo possa emergir.

Algo semelhante ocorre no encontro clínico inicial, quando o analista se vê diante de um "branco psíquico" que não corresponde à simples falta de informação, mas à presença de uma experiência ainda não simbolizada. Penso que a tarefa do analista não é preencher o vazio, mas sustentá-lo e oferecer continência às manifestações ainda não pensáveis que se apresentam sob a forma de afetos difusos, silêncios ou comunicações não verbais. É nesse espaço que a intuição assume um papel central. Na pintura, orienta os primeiros gestos, permitindo que formas emerjam antes de serem plenamente concebidas. Na clínica, a intuição participa da escuta, sustentando a recepção de elementos não imaginados e favorecendo a emergência de imagens ou estados de reverie que antecedem a simbolização. Entretanto, há uma diferença fundamental entre esses dois campos. Enquanto a pintura se organiza a partir de

uma experiência predominantemente subjetiva, a situação analítica se constitui como um campo relacional, no qual aquilo que inicialmente se apresenta como desconhecido é, aos poucos, configurado na interação entre analista e analisando. O "branco psíquico", nesse sentido, não pertence exclusivamente a um ou a outro, mas se forma e se transforma no encontro entre ambos.

Desse modo, a reverie não pode ser compreendida apenas como expressão da interioridade do analista, mas como uma experiência que emerge no "entre", onde elementos ainda não pensáveis podem começar a adquirir forma a partir da inter-relação das duas mentes em presença (Ogden, 1994/2019).

Essa proximidade entre criação e experiência compartilhada sempre esteve presente em minha trajetória, especialmente na relação com a imagem no trabalho artístico. Na pintura, as imagens que emergem frequentemente expressam estados emocionais que ainda não encontraram forma conceitual. De modo análogo, na clínica, a reverie pode funcionar como uma via de figurabilidade para experiências que ainda não puderam ser pensadas.

A reverie revela-se fundamental no trabalho analítico, permitindo ao analista permanecer aberto ao desconhecido, ao impensável e ao não representado, e oferecer ao paciente um espaço psíquico em que diferentes experiências emocionais possam ser contidas, metabolizadas e transformadas em pensamento.

No cubismo, as figuras são representadas simultaneamente a partir de diversos ângulos, rompendo com a perspectiva única e linear que predominava na tradição artística anterior. Da mesma forma, a realidade psíquica, tal como pensada por Bion (1970/2018a), não pode ser apreendida por um único vértice de observação: exige-se a capacidade de sustentar múltiplos vértices coexistentes, cada qual desvelando uma faceta distinta da experiência emocional. Assim como no cubismo, a justaposição de diferentes perspectivas gera uma profundidade que escapa à visão monocular, no trabalho analítico a verdadeira compreensão emerge da disposição para habitar a ambiguidade e resistir à tentação de reduzir o complexo ao confortável domínio de certezas prematuras.

Procuro trilhar esse caminho sem receio, valendo-me da arte e da profundidade da minha experiência subjetiva e dessa inquietação, como fontes de inspiração para promover uma abordagem da psicanálise mais aberta, sensível e libertadora.

Encerro este artigo com um trecho de Anne Alvarez que ressalta a grande importância do sonhar e do brincar na constituição da vida psíquica – elementos igualmente centrais na criação artística, em que o ato de sonhar e brincar com formas, cores e espaços inaugura novas realidades e transforma a experiência emocional em expressão sensível.

> Quando devemos dizer aos nossos amigos e aos nossos filhos para "pararem de sonhar", "pararem de brincar", quando devemos respeitar o sonho mais louco de alguém?
> Quando nossos sonhos são profundamente criativos e até mesmo visionários?
> Quando são, pelo menos, curativos?
> Quando obstruem o desenvolvimento? E quando, decididamente, distorcem o desenvolvimento?
> Quando nós, como clínicos, devemos interromper a brincadeira de uma criança (ou a fala de um adulto) para "fazer uma interpretação"? E quando isso equivaleria a acordar alguém no meio do sonho?
> Quando objetos ideais ou até idealizados são simplesmente defensivos e quando envolvem aquisições do desenvolvimento emocional e até cognitivo?
> Será que às vezes consideramos defensivos estados ideais que expressam um tipo de realidade?
> (Alvarez, 2012/2021, pp. 272-273)

Reverie y arte: puentes creativos hacia el inconsciente no simbolizado

Resumen: En este texto, el autor explora la intersección entre arte y psicoanálisis, focalizando cómo la expresión artística –por medio de la imagen, la pintura y la reverie– funciona como un medio para comunicar emociones

y experiencias complejas y no verbales, difíciles de articular. Hace referencia a Wilfred Bion y Thomas Ogden, quienes discutieron conceptos como el sistema proto-mental, los estados mentales primitivos y los invariantes, relacionados con el inconsciente y con la manera en que la mente procesa el trauma, la emoción y las experiencias emocionales no simbolizadas.

Palabras clave: reverie, arte, inconsciente no simbolizado, comunicación emocional, psicoanálisis

Reverie and art: creative bridges to the unsymbolized unconscious

Abstract: In this text, the author explores the intersection between art and psychoanalysis, focusing on how artistic expression –through image, painting, and reverie– functions as a means of communicating complex, nonverbal emotions and experiences that are difficult to articulate. The text refers to Wilfred Bion and Thomas Ogden, who discussed concepts such as the proto-mental system, primitive mental states, and invariants, all related to the unconscious and to the way the mind processes trauma, emotion, and unsymbolized emotional experiences.

Keywords: reverie, art, unsymbolized unconscious, emotional communication, psychoanalysis

Referências

Alvarez, A. (2021). *O coração pensante: três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes*. Blucher. (Trabalho original publicado em 2012)

Bergstein, A. (2019). *Bion and Meltzer's expeditions into unmapped mental life*. Routledge.

Bion, W. R. (1994). *Clinical seminars and other works* (F. Bion, Ed.). Karnac. (Trabalho original publicado em 1976)

Bion, W. R. (2015). *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. U. Junqueira Filho, Trad.). Blucher. (Trabalho original publicado em 1997)

Bion, W. R. (2001). *Experiências em grupos*. Imago. (Trabalho original publicado em 1961)

Bion, W. R. (2018a). *Attention and interpretation*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1970)

Bion, W. R. (2018b). *A memoir of the future*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1975)

Bion, W. R. (2018c). *Transformations*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1965)

Bion, W. R. (2018d). A theory of thinking. In W. R. Bion, *Second thoughts*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1967)

Bion, W. R. (2023). *Aprendendo com a experiência*. Blucher. (Trabalho original publicado em 1962)

Caper, R. (2020). *Bion and thoughts too deep for words: psychoanalysis, suggestion, and the language of the unconscious*. Routledge.

Dalí, S. (2006). *Obra completa: Ensaios 1* (R. Descharnes & G. Néret, Orgs., Vol. 4). Taschen.

Eekhoff, J. K. (2022). *Bion and primitive mental states*. Routledge.

Eekhoff, J. K. (2023). *Trauma and primitive mental states.* Routledge.

Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

Ogden, T. H. (1998). Uma questão da voz na poesia e na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise, 32*(3), 575-593.

Ogden, T. H. (2010). Sobre não ser capaz de sonhar. In T. H. Ogden, *Esta arte da psicanálise* (pp. 68-85). Artmed. (Trabalho original publicado em 2005)

Ogden, T. H. (2018). *Projective identification and psychotherapeutic technique*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1982)

Ogden, T. H. (2019). *Subjects of analysis*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1994)

Ogden, T. H. (2022). Ontological psychoanalysis or "What do you want to be when you grow up?". In T. H. Ogden, *Coming to life in the consulting room* (pp. 9-32). Routledge.

Saint-Exupéry, A. (2018). *O pequeno príncipe*. HarperCollins Brasil. (Trabalho original publicado em 1943)

Milton Jeronimides

mjeronimides@gmail.com

DOI: 10.67671/alter.2026.09

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.